

# Práticas discursivas, gêneros do discurso e textualização

Maria de Lourdes Meirelles Matencio (PUC Minas)<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Letras – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas); malumatencio@uaiVIP.com.br

**Abstract.** Assuming that the studies of discourse genders approximate social and cognitive approaches of the language production action, this paper discusses their contributions to a reflection on the emergency of texts in discursive practices. I hold the view that the different models of gender approach, which result from models of social interaction approach, make possible changes in the concepts of subject, history and sense in language studies, motivating reflections that foster the understanding of social and cognitive aspects implied in the relationships between individual action and its significance in the interaction activity.

**Key-words.** Text; Discursive gender; Social interaction; Discursive practice.

**Resumo.** Assumindo que os estudos dos gêneros do discurso aproximam abordagens sociais e cognitivas da ação de produção de linguagem, este trabalho discute suas contribuições para a reflexão sobre a emergência dos textos em práticas discursivas. Defendo que os diferentes modelos de abordagem do gênero – os quais resultam de modelos de abordagem das interações sociais – possibilitam o redimensionamento das noções de sujeito, de história e de sentido nos estudos da linguagem, motivando reflexões que fazem avançar a compreensão dos aspectos sociocognitivos implicados nas relações entre ação individual e sua significação na atividade de interação.

**Palavras-chave.** Texto; Gênero discursivo; Interação social; Prática discursiva.

## A noção de gênero nos estudos da linguagem

A noção de gênero desempenha, hoje, no campo da Lingüística, um papel central, a ponto de alguns estudiosos se demandarem – nos intervalos de encontros científicos, nas bancas de defesa de teses e dissertações – se não se trata de noção que corresponda, em alguns trabalhos, à de texto ou mesmo à de discurso. Independentemente da ironia expressa nesse tipo de questionamento, que manifesta, obviamente, um certo incômodo (previsível) em relação à grande popularidade dos estudos dos gêneros, é fato que a noção de gênero – assim como ocorreu, há alguns anos, com categorias como texto, contexto e discurso – representa, atualmente, papel crucial em nosso domínio de estudos.

Do ponto de vista aqui adotado, essa relevância resulta de que os estudos dos gêneros do discurso têm promovido um deslocamento bastante produtivo com relação às diferentes dicotomias tradicionalmente estabelecidas nos estudos lingüísticos<sup>2</sup>, em razão da complexidade com a qual permitem que se investiguem questões relativas ao funcionamento da língua e da linguagem.

A importância da categoria é compreendida, por exemplo, se se reflete sobre sua potencial contribuição para que o olhar do pesquisador não se concentre apenas nas formas textuais, o que poderia levá-lo a negligenciar as relações entre uma certa materialidade lingüística e textual e os processos discursivos. Sua relevância pode, ainda, ser considerada se se leva em conta que, propondo-se a estudar os gêneros, o pesquisador também se dispõe a considerar os processos discursivos – noutros termos, uma certa configuração material (lingüística, textual) própria do funcionamento de um dado discurso – à luz da categorização genérica, o que lhe permite, em princípio, visualizar tanto os movimentos de estabilidade dos processos sócio-históricos aí implicados quanto a instabilidade que caracteriza a atualização de tais processos em eventos singulares de interação.

Vistos dessa forma, os estudos dos gêneros têm o potencial de promover reflexões acerca das relações entre a materialidade lingüística e textual e o contexto<sup>3</sup> histórico de produção de sentidos – e não meramente o contexto imediato em que se dá a textualização (a produção e/ou a recepção do texto) –, porque tem-se a possibilidade de que, tendo assumido um certo posto de observação, o pesquisador seja levado, no contato com seu dados, a operar com uma noção de contexto bastante dinâmica, na medida em que o próprio fenômeno faz emergir a plasticidade das interações sociais e de sua materialidade.

Poderia, aqui, enumerar um conjunto de categorias que se vêem articuladas num estudo dos gêneros do discurso, mas a metáfora dos “*folhados textuais*” sugerida por Bronckart (1999)<sup>4</sup> me parece ser bastante adequada para o tipo de reflexão que pretendo empreender a esse respeito.

Os estudos dos gêneros permitem, efetivamente, que se coloque em relação, na análise da materialidade textual, um conjunto de categorias pelas quais têm sido abordados os fenômenos languageiros.

Trata-se tanto de considerar as instâncias<sup>5</sup> sociais de que emergem os textos quanto a realidade das práticas discursivas que as colocam em funcionamento, assim como os parâmetros que determinam o contexto particular de um dado evento de interação<sup>6</sup> e uma certa materialidade lingüístico-textual. Trata-se, ainda, de considerar as formas regulares pelas quais se configuram os textos; trata-se, além disso, de considerar a dimensão enunciativa – e tudo o que implica (o dialogismo, a polifonia, as formas figuração dos sujeitos, etc.) –, assim como os processos referenciais de co-construção de objetos de discurso – o que inclui tanto questões propriamente textuais, quanto especificamente gramaticais e lexicais<sup>7</sup>.

Em síntese, abordar o gênero possibilita que se considere, a um só tempo:

- (i) “as instâncias ou esferas sociais que delimitam historicamente os discursos e seus processos, particularmente no que se refere às relações entre instituições, lugares e papéis sociais e às suas representações;
- (ii) as práticas discursivas efetivamente em construção nessas instâncias num *aqui-agora*, num dado evento de interação, ou seja, a assunção efetiva de lugares e papéis comunicativos, as representações das ações que se deve empreender e dos modos pelos quais elas podem se materializar numa forma languageira; e

- (iii) os processos de textualização que daí resultam, isto é, a produção de ações languageiras, por um *eu* e por um *tu*, no *aqui-agora*.” (cf. Matencio, 2005: 5)

Não defendo, obviamente, que todo e qualquer estudo dos gêneros garanta esses deslocamentos e essa produtividade. Mas acredito que há estudos a partir dos quais, dada a natureza dos princípios epistemológicos adotados, determinantes dos princípios teóricos e metodológicos nos quais se baseiam, tem-se efetivamente a condição de provocar alterações significativas no olhar do pesquisador – como se este passasse a ver o que até então concebia apenas parcialmente<sup>8</sup>.

É natural que um categoria tão difundida leve a que se veja o fenômeno de forma bastante diversificada. Mas o fato é que, embora se multipliquem as abordagens dos gêneros – os quais ora são vistos como estruturas textuais; ora como modelos cognitivos de produção e recepção de textos; ora como formas regulares de estruturação das práticas discursivas (cf. Matencio, 2003) –, as diferentes propostas de tratamento do fenômeno têm em comum o fato de que não ignoram a interface entre o social e o cognitivo nas interações sociais, assim como as relações entre a atividade social e a ação do sujeito, ou, noutros termos, as relações entre processos sociais e processamento de sentidos, as relações entre memória discursiva e individual.

### **Os estudos dos gêneros e da textualização**

Gostaria de centrar minha atenção, aqui, na abordagem bakhtiniana – que acredito ser a que mais explicitamente contribui para deslocamentos nos estudos da linguagem – e em estudos que, baseando-se nessa abordagem, procuram focalizar, de forma sistemática, a dimensão social e cognitiva da emergência dos gêneros (refiro-me, por exemplo, aos estudos desenvolvidos pelo grupo de Genebra, tal como se encontram em Bronckart, 1999, e Schneuwly & Dolz e colaboradores, 2004).

Em *Estética da Criação Verbal* (2000), Bakhtin defende que a unidade de análise dos estudos lingüísticos é o enunciado – a ação de produção de linguagem, tal como significada na atividade de interação. O autor assume, ainda, que os gêneros são “*formas de combinação das formas da língua*” (nota 3, p. 304), ressaltando que “*o gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal, recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado*” (p. 311).

Nessa medida, a retomada da perspectiva bakhtiniana efetuada por Schneuwly (2004: 28) representa tanto síntese adequada da noção de gêneros do discurso nos estudos bakhtinianos quanto avança em relação à proposta bakhtiniana: trata-se, como aponta Schneuwly, de “*uma configuração estabilizada de vários subsistemas semióticos*”.

Ora, se a ação de produção de linguagem é o que garante, da perspectiva bakhtiniana, tanto a unicidade quanto a finalização do enunciado<sup>9</sup> e, mais do que isso, se o enunciado é fruto da experiência com a linguagem nas diferentes esferas de atividades sociais, tem-se que, da perspectiva bakhtiniana, os gêneros do discurso são um artefato simbólico<sup>10</sup>, de mediação entre o sujeito e o outro, entre o sujeito e o objeto, entre o sujeito e uma dada atividade e, enfim, entre o sujeito e uma certa esfera social.

Os estudos que se pautam nessa linha estão aderindo, assim, à defesa de que a ação de produção de linguagem é tanto um reflexo da diversidade das ações humanas quanto condição para sua existência, de onde se pode concluir que são estudos para os quais a semiotização – a materialidade lingüística, textual e discursiva – é indício dos processos sociais efetivados em eventos de interação social e, portanto, (ex)põem a língua(gem) em funcionamento.

Pode-se complementar dizendo que, desse ponto de vista, a ação de produção de linguagem associa a ordem do real à ordem simbólica, ou ainda, que o “real” é construído em “redes” de atividades, recebendo aí um certo ordenamento. Tais estudos pressupõem, portanto, que o conhecimento não é ato do sujeito, nem efeito do objeto, não é, tampouco, resultado da interação direta entre sujeito e objeto, pois é fruto de relação semiótica, socialmente construída, entre sujeito e objeto (sobre a abordagem histórico-cultural do conhecimento, cf. Pino, 2001).

Estabelece-se, desse ponto de vista, portanto, uma interface entre as instâncias sociais, nas quais se dá a construção do artefato simbólico, que materializa, em razão de sua forma, operações possíveis para a consecução de determinados fins, e a ação do sujeito, orientada por seus esquemas de utilização do artefato simbólico, pelos quais há a “atualização” das possibilidades de recurso ao artefato simbólico em um evento específico de interação.

Em outras palavras, a produção textual envolve o planejamento de ações, orientadas para um fim, e sua execução em material *linguageiro*, assim como implica a projeção e a identificação de significados e sentidos à materialidade. Assim, ao elaborar um texto, o sujeito constrói, necessariamente, um quadro de referência em que ele instancia um contexto de situação em uma prática discursiva. Esse quadro de referência, que vincula as práticas discursivas às condições específicas em que elas ocorrem, se concretiza em função do modo como o sujeito enquadra, com base em seus esquemas de ação, a tarefa simbólica, o que o orienta a operar com seus conhecimentos lingüísticos, textuais e discursivos (cf. Matencio, 2003).

Tem-se que a emergência de um gênero do discurso é fruto do enquadre dado, pelos sujeitos em interação, ao evento no qual atuam, o que vai levá-los a recuperar em sua memória esquemas de ação e a construir um modelo de representação da situação efetiva. Dito de outra forma, os gêneros seriam, desse ponto de vista, artefatos sociocognitivamente construídos, com base nos quais o sujeito se orienta ao projetar o jogo de imagens entre os interlocutores (papéis sociais e comunicativos, motivações e intenções), assim como o espaço e o tempo da interação, e textualizar, o que permite conceber a textualização como produção e recepção, como atividade co-construída por ações coordenadas dos sujeitos interactantes.

Finalmente, deve-se ressaltar que conceber o gênero como um artefato simbólico que indicia a atividade de interação, atribuindo uma certa configuração à atividade, ao mesmo tempo em que a significa e a materializa<sup>11</sup>, implica compreender o texto tanto como a materialidade do processo que se constrói na atividade quanto como produto dessa atividade.

## **Considerações finais**

Na minha exposição, salientei aquelas que considero serem, de uma perspectiva bakhtiniana, as contribuições mais relevantes dos estudos dos gêneros para a reflexão

sobre os processos de textualização. Antes de passar às minhas considerações finais, gostaria de dizer que a imensa popularidade desses estudos parece-me, também, perigosa, na medida em que pode obscurecer as diferenças nas abordagens<sup>12</sup> e, sobretudo, dar a ilusão de que não há mais nada de novo a dizer.

No texto *Sentido, sujeito e origem*, Paul Henry (1993: 151) afirma que a questão do sentido “é daquelas sobre as quais só é possível tomar posições e não fechar questão, cientificamente”. “Toda tentativa de resolvê-la definitivamente”, diz ele, “só pode ser um engodo”, porque “ela deriva da reflexão filosófica” (*idem*). Da extensa reflexão desenvolvida pelo autor, chega-se, finalmente, a sua tese, a de que, “se a questão do sentido é daquelas em que não se pode chegar ao fim, é possível deslocá-la, reformulá-la” (p. 152).

Para Paul Henry, Foucault e Pêcheux, ao estabelecerem a “categoria discurso, tentaram estimular um procedimento suscetível de construir localmente certos fatos da ordem do sentido”, isso porque, segundo o autor:

“a análise do discurso é um dispositivo que tenta produzir, como resultado da análise, certas relações de paráfrase ou de equivalência semântica, de metáfora ou de metonímia, ao invés de tomá-los só como dados, ao invés de, por exemplo, opor a priori um sentido próprio e sentidos derivados” (p. 162).

Guardadas as distinções epistemológicas, teóricas, analíticas, assim como as diferenças em termos de interesses e de tarefas que se propõem desempenhar os pesquisadores que aderem aos diferentes domínios dos estudos da linguagem, penso que os estudos dos gêneros podem provocar, hoje, o mesmo tipo de deslocamento que a emergência da análise do discurso representou há algumas décadas. Isso em razão de poderem fazer emergir uma noção de história e de sentido com as quais se dê conta de compreender, dialética e dialogicamente, tanto os processos sociais mais amplos de produção de linguagem quanto a co-construção de eventos singulares por sujeitos também singulares.

Em suma, ao que parece, uma abordagem dessa natureza pode evitar o risco de se recair no equívoco, tão conhecido da Lingüística, também apontado por Paul Henry (1993), de recorrer a “teorias psicologistas ou sociologistas (as teorias que fazem do sentido uma realidade psicológica ou sociológica)”, que podem barrar o desenvolvimento da área, porque podem ofuscar sua autonomia e impossibilitar o discernimento em relação a seu objeto de estudo.

## Notas

---

<sup>2</sup> Refiro-me tanto às dicotomias dos primórdios da chamada Lingüística Moderna (por exemplo, língua/fala, significante/significado, eixo paradigmático/eixo sintagmático) quanto às delimitadas mais recentemente (sentido/significado, monofonia/polifonia, monologal/dialogal, oralidade/escrita, dentre tantas outras). E o faço porque percebo que, dessa perspectiva, busca-se romper com as dicotomias que circundam aspectos sociais e cognitivos implicados na produção de sentido.

<sup>3</sup> Caberia uma reflexão acerca das relações entre as noções de condições de produção de sentido e de contexto.

---

<sup>4</sup> Não se pode deixar de ressaltar, entretanto, que embora Bronckart referencie-se na perspectiva bakhtiniana na abordagem dos gêneros, opta pela denominação gêneros de texto, e não de discursos como o faz Bakhtin.

<sup>5</sup> A opção por utilizar aqui a noção de instância social não é aleatória. Um estudo acerca das distinções teóricas e metodológicas entre categorias como domínio discursivo e campo ou esfera de atividade humana está por ser feito, assim como de sua relação com a noção de situação material de produção de linguagem.

<sup>6</sup> Também a relação entre evento de interação e atividade de produção de linguagem deve ser considerada como de relevância para um trabalho que se debruce sobre as categorias implicadas em estudos dos gêneros.

<sup>7</sup> Os estudiosos de Bakhtin certamente identificam, na reflexão empreendida até o momento, uma clara filiação à abordagem do autor, para quem: *“A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação”* (2000: 280).

<sup>8</sup> De fato, há estudos que investigam comparativamente diferentes gêneros, enquanto há outros cuja contribuição é mais pontual, porque, preocupando-se em solucionar problemas que a sua própria categorização genérica lhes impõe ou obstáculos que emergem da análise de seu *corpus*, iluminam, o que era de se esperar, os processos já previamente delimitados – isso do ponto de vista teórico-metodológico ou analítico.

<sup>9</sup> Reporto-me, aqui, aos seguintes excertos do autor: (i) *“Cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a posição do locutor, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma posição responsiva”* (2000: 294); (ii) *“O acabamento do enunciado é de certo modo a alternância dos sujeitos falantes vista do interior; essa alternância ocorre precisamente porque o locutor disse (ou escreveu) tudo o que queria dizer num preciso momento e em condições precisas. Ao ouvir, ao ler, sentimos claramente o fim de um enunciado, como se ouvíssemos o ‘dixi’ conclusivo do locutor. É um acabamento totalmente específico e que pode ser determinado por meio de critérios de acabamento do enunciado é a possibilidade de responder – mais exatamente, de adotar uma atitude responsiva para com ele (por exemplo, executar uma ordem)”* (2000: 299).

<sup>10</sup> Nos termos de Schneuwly (2004), os gêneros são um *“megainstrumento”*.

<sup>11</sup> Para retomar Schneuwly (2004), deve-se ressaltar que os instrumentos fazem *“ver o mundo de certa maneira”*, definindo *“classes de ações possíveis”*, guiando e controlando *“a ação durante seu próprio desenvolvimento”*.

<sup>12</sup> A preocupação de *“limpar o campo”*, de delimitar, de uma vez por todas, a questão, parece ter sido, aliás, a preocupação de muitos dos trabalhos sobre os gêneros que circularam em fins dos anos 1990, quando se tentava distinguir tipo textual e gênero;

---

mais recentemente, a preocupação de discussões que procuram identificar as distinções entre trabalhos que se dedicam ao estudo dos gêneros textuais e aqueles que tratam dos gêneros do discurso parece responder ao mesmo tipo de inquietação.

### Referências

- BAHKTIN, M. [Volochinov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de LAHUD, M. & VIEIRA, Y. F. São Paulo: HUCITEC, 1992. (original de 1929).
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução de PEREIRA, M. E. G. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (1ª edição, 1979).
- BATHIA, V. K. Análise de gêneros hoje. In: *Revista de Letras*, n. 23. Janeiro/Dezembro de 2001. p. 102-115.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Tradução HOFFNAGEL, J. C. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRONCKART, J.-P. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Tradução de MACHADO, A. R. & CUNHA, P. São Paulo: EDUC, 1999.
- DIONÍSIO, A., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo/Rio de Janeiro; EDUC/Lucerna, 2002.
- HENRY, P. *Apêndice: sentido, sujeito, origem*. In: : ORLANDI, E. (org.). *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 2ª. ed. Campinas/SP: Pontes, 2001.
- MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em análise do discurso*. Tradução INDURSKY, F. Campinas: Editora da UNICAMP & Pontes, 1989.
- MATENCIO, M. L. M. *Estudo da língua falada e aula de língua materna: uma abordagem processual da interação professor/alunos*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. In: *ANAIS do III Congresso Internacional da ABRALIN*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.
- \_\_\_\_\_. O estudo dos gêneros do discurso: notas sobre as contribuições do interacionismo. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: NADE/FALE/UFMG, 2004.
- \_\_\_\_\_. Os estudos dos gêneros do discurso: leituras e efeitos da abordagem bakhtiniana. *Anais do 1º Encontro Mineiro de Análise do Discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2005. (A sair.)
- MOREIRA, M. A. Modelos Mentais. In: MORTIMER, E. & SMOLKA, A. L. (org.). *Linguagem, cultura e cognição*. Belo Horizonte: Autêntica & CEALE, 2001.
- PINO, A. O biológico e o cultural nos processos cognitivos. In: MORTIMER, E. & SMOLKA, A. L. (org.). *Linguagem, cultura e cognição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

---

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: ROJO, R. & CORDEIRO, G. (org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

STENBERG, J. *Psicologia cognitiva*. Tradução de OSÓRIO, M. R. B. Porto Alegre: ARTEMED, 2000.

TANNEN, D. & WALLAT, C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, P. M. (org.). *Sociolinguística interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998.

VIGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. Trad. CAMARGO, J. São Paulo: Martins Fontes Editora. 3ª edição, 1991.